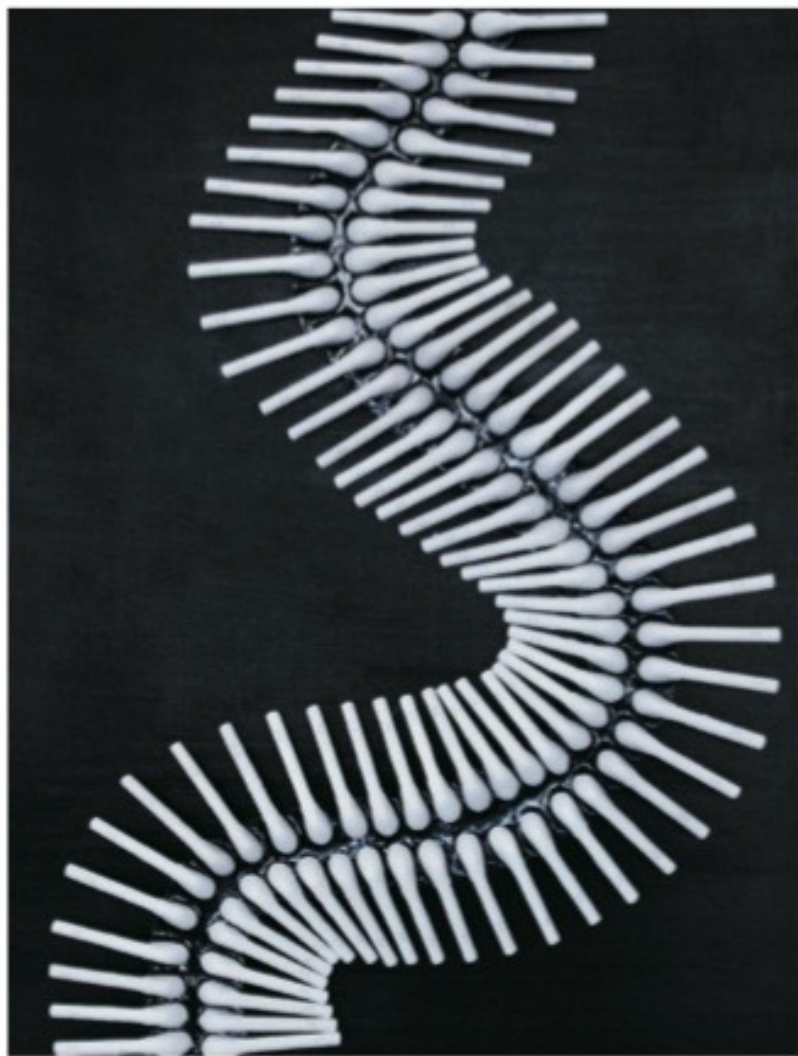


RÉPARATION

É POSSÍVEL SALVAR O TEMPO? CUIDAR DAS ANTI-GASTRÍNGAS?
CONECTAR OS MUNDOS? A ARTISTA **GÉRALDINE CARIO**
JUNTA AS PEGADAS DE UMA DESORIENTAÇÃO
QUE ELA CONJURA E TRATA COM A TENACIDADE FRÁGIL
DE UMA FEITICEIRA CONDENADA À DOÇURA





O Meris tem se mantendo no top list como um dos bares mais cool de Paris. Com grande concentração de museus e galerias e uma vida cultural sempre efervescente, é um deleite caminhar pelas suas ruas, se encontrar os inúmeros pontos de moda e design que crescem dia a dia. Em cada esquina uma significância surpreendente a minha vista a um dos hotspots da arte contemporânea parisiense: a Galerie Laune Roynette. Localizada na charming rue Torigny, 20, no coração de Marais, a galeria é capitaneada por Laune Roynette, que prioriza o trabalho de artistas que têm pesquisa autêntica e estimulam questionando e encantando o mundo. São talentos multibotados, que, segundo Laune, ajudam a viver melhor e entender o mundo e a concentrar e compartilhar os trabalhos. O espaço é destinado ao debate, às trocas, à descoberta de artistas, aos colecionadores, aos críticos, aos amigos, aos amantes e aos "flewurs", um espaço de vida, arte e discussões.

Meris de à galeria foi para conhecer a nova produção de Géraldine Caro, uma das artistas representadas por Laune Roynette. A mostra de Géraldine — "Riparatori" — retrata o que há de mais íntimo e humano do que sabemos da grande História. Seu universo gira pelo mundo das fotografias, que, para Caro, são impregnadas de significado, de memória, de histórias e de nós. Sem se importar com o que vai acontecer, a sua obra busca continuar com esse diálogo, procura o que não foi dito, o que não confessamos. Portanto, as instalações se encruzam intimamente no espaço do íntimo e se distendem da História e do século de agora.

Sobre o trabalho de Géraldine escreveu o escritor francês Yannick Haenel, um dos fundadores do movimento literário de língua portuguesa: "76 cabeças com pingos, brânquia, olhos, chaves, fragmentos de mapas. Há quatro cabeças de espelhos, outras laminadas, após o obtato em preto e branco do tempo, belas rostos e mãos solitárias eternas e vida



Há um armário de farmácia cheio de velas ou uma fita métrica e em forma de serpente como um anel de Saturno que atravessará a história do sofrimento.

"Não se trata de organizar a seleção dos objetos — não há sentimentalismo em sua arte —, mas de encontrar um lugar para que o tempo retorne. Ela e lugar pode ser um muro, uma casa de vidro, um relógio. Geraldine fez ligações que são gestos espirituais. É a coisa mais simples do mundo, mas sutil, mais usada: uma invocação. E pergunta à Geraldine como ela nomeia o que no ritual São objetos? — "Boxos", supondo, ela."

O tempo, a atualidade e a perda também são temas recorrentes no trabalho de Carlos, referências que ele atribui à admiração pelo trabalho do artista francês Christian Boltanski, que utiliza a arte e a memória dos ausentes para conservar a vida. Mas, diz

que as suas são diferentes e a esses temas acrescenta a reparação. "Eu trabalho com a memória para preparar o futuro, com as feridas para curá-las, procuro mudar as perspectivas, uma força vital para encantar o que está por vir", diz Carlos.

Seu primeiro contato com o trabalho dos artistas foi por meio do SAM Art Projects — um programa de mecenasato comandado pelo festival, baseado em Paris, Sandie Hagedorn, que organiza seminários artísticos e faz curadoria de arte contemporânea para artistas não-europeus. As exposições de Geraldine são sempre um chamado à reflexão, sua universalidade e poesia podem evocar as memórias de um tempo qualquer e de qualquer um que esteja diante de sua arte. O privilégio de explorar e descobrir o novo trabalho de Carlos na Galerie Louise Royette foi um daqueles gestos próximos que Paris proporciona. A galeria, bastante íntima, é imperdível e a programação sempre convidativa. Se seu próximo destino é a Cidade Luz, anote na agenda, Galerie Louise Royette. Simplemente, "the place to be" 📍